



GT – 15: Práticas culturais na produção da cidade

A TERRITORIALIZAÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS SOB O CONTEXTO DE EXPANSÃO URBANA NA ZONA OESTE DA CIDADE DE BOA VISTA-RR

Caê Garcia Carvalho
Professor Adjunto da Universidade Federal de Roraima
E-mail: cae.garcia@ufrr.br

Emilly Marjury da Silva Cruz
Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Roraima
E-mail: marjuryemilly@gmail.com

RESUMO: Buscamos analisar a territorialização das igrejas evangélicas na Zona Oeste de Boa Vista-RR, evidenciando a profunda correlação entre o processo de urbanização e a difusão das igrejas, sobretudo as pentecostais. Destaca-se que as grandes denominações antecedem ou acompanham, *pari passu*, a própria constituição dos bairros onde estão localizadas. Para além de um estudo descritivo, propomo-nos debater o contexto social e econômico que balizou a expansão desses segmentos religiosos, bem como discutir as estratégias – políticas, técnicas e territoriais – utilizadas pelas igrejas a lhes conferir proeminência no quadro urbano local. Referente ao método, nos fiamos na dialética com o intuito de não tomar a religião isoladamente, pensando-a, antes, dentro da totalidade social – e das singularidades locais – que lhes amálgama.

Palavras-chave: Geografia da Religião; urbanização; pentecostalismo.

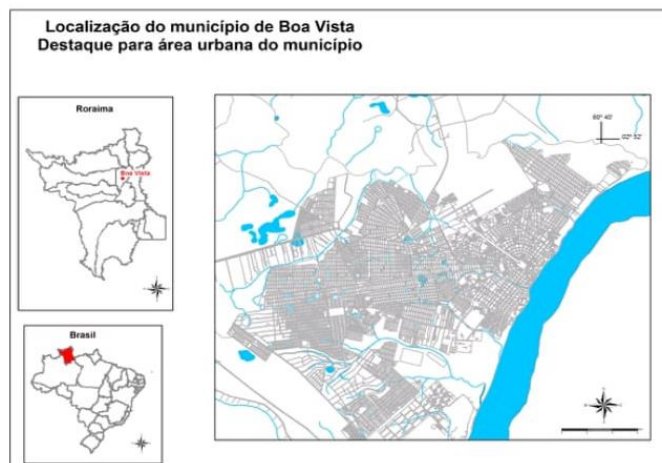
1. INTRODUÇÃO

Nos deparamos no Brasil com uma massiva expansão territorial das denominações evangélicas a partir dos anos 70 do século XX. O presente artigo busca evidenciar, em face à imperiosa expansão urbana de Boa Vista (RR), sobretudo a partir de 1990 e com um fôlego que

perdura contemporaneamente, como a expansão das denominações evangélicas *acompanha* ou mesmo *antecede* a própria urbanização. E a tarefa é problematizar porquê e como se estabelece tal paridade entre a urbanização e a expansão evangélico-pentecostal.

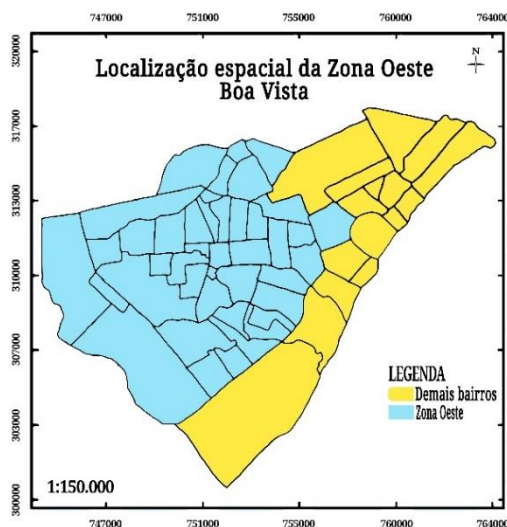
Especialmente, nossa análise se restringe à Zona Oeste de Boa Vista (Figura 1 e Figura 2), área periférica da cidade. Repousamos o olhar sobre tal zona por que ela é, desde os anos 70, o principal vetor de crescimento urbano da cidade, e pela profunda correlação entre a marginalização socioeconômica e a prevalência da fé pentecostal (Jacob et al, 2003).

Figura 1: Mapa de localização de Boa Vista



Fonte: Veras, 2009.

Figura 2: Zona Oeste de Boa Vista



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Início (ainda em andamento) de uma pesquisa mais ampla (primeiro ano de execução) – na qual se pretende fazer o levantamento das igrejas evangélicas em toda Boa Vista –, também não pudemos esmiuçar toda a Zona Oeste. Como a Figura 2 deixa explícita, ela envolve mais da metade da cidade e, sendo o primeiro passo, centramos nossa atenção em três bairros: Caranã, União e Laura Moreira.

Além da introdução e conclusão, o material conta com mais quatro seções. A próxima é reservada à metodologia. A terceira (sucendo a introdução e metodologia) apresenta o quadro da evolução urbana de Boa Vista, enquanto a quarta discute a preponderância evangélico-pentecostal no Brasil. Na quinta, apresentamos os resultados da pesquisa.

2. METODOLOGIA

À construção de nossa reflexão, numa sumária consideração teórica acerca do método, nos fiamos na dialética (Lefebvre, 1995) para não tomarmos a religião isoladamente, pensando-a, antes, sob o escopo da totalidade social – e das singularidades locais – que lhes amálgama. Desse modo, escapando de um simples um estudo descritivo, compreendemos o real – a expansão urbana e evangélico-pentecostal em Boa Vista – a partir de um quadro teórico-explicativo.

Explicitando o procedural perseguido através da metodologia, a primeira etapa da pesquisa se iniciou com o mapeamento dos templos evangélicos a partir do Censo (IBGE, 2022). No ponto de partida, fizemos o levantamento de todas as igrejas da Zona Oeste de Boa Vista, apresentando mais de 500 templos religiosos (sua absoluta maioria conformada por igrejas evangélicas).

Em vistas da impossibilidade de abarcar, num só golpe, toda a Zona Oeste, escolhemos fincar nossa análise inicial em três bairros: Caranã, União e Laura Moreira. As razões desta escolha serão problematizadas ao término desta seção.

Na segunda etapa de nossa metodologia nos propomos verificar em campo o mapeamento das igrejas evangélicas dispostas pelo IBGE, ocorrendo algumas retificações (igrejas ausentes ou que não mais presentes).

Era também crucial para os nossos propósitos fazer o levantamento de dois pontos: o ano de fundação da igreja no bairro e sua filiação institucional-teológica (pentecostal,

protestante histórica etc.). Essas informações foram obtidas junto aos adeptos e/ou lideranças religiosas numa visita in loco aos templos.

Com esses dados, pudemos estabelecer o paralelo entre a expansão urbana de Boa Vista e territorialização das igrejas e visualizar qual é a base do universo evangélico que cria e fecunda profundas raízes na cidade. Ao último ponto, se notou a primazia do pentecostalismo frente ao protestantismo tradicional, bem como a proeminência da Igreja Adventista do Sétimo Dia (doravante, Adventista), seguindo, nesse sentido, a tendência que se verifica no Brasil.

Para finalizar, retornamos à escolha pelos bairros discriminados. A opção por trabalhar com o Caranã e o União, de um lado, e o Laura Moreira de outro, se cumpre porque os dois primeiros são bairros “antigos”, adensados, criados na década de 90, enquanto o Laura Moreira é bastante recente no quadro urbano local, germinado a partir de 2005 e pouco povoado.

Retornando à contraposição temporal entre Caranã/União e o Laura Moreira, é oportuno analisar a composição territorial das igrejas justamente nesse contexto temporal dual que, de um lado, aporta a cidade em seu crescimento ao debruçarmo-nos nas franjas urbanas de Boa Vista e, de outro, a visualiza (tal composição territorial) já num contexto de consolidação urbana. À dualidade temporal, entreabre-se, pois, a dualidade espacial.

Explicitado o cariz metodológico, empreendemos, nas próximas duas seções, contextualizações deveras necessárias à discussão acerca da territorialização das igrejas evangélicas. De início, se põe em análise a expansão urbana de Boa Vista; posteriormente, procura-se apresentar uma leitura histórica, geográfica e sociológica do movimento pentecostal.

3. A EXPANSÃO URBANA DE BOA VISTA

Boa Vista passou por um intenso processo de urbanização a partir dos anos 70 do século XX (Veras, 2009), época à qual o atual Estado de Roraima se constituía como Território do Rio Branco (a data de criação do referido Território e sua separação do Amazonas é de 1942).

Nos anos 70, um aspecto fundamental ao crescimento populacional e urbano foi a migração impulsionada pelo garimpo – a taxa de crescimento populacional na cidade foi de 84% entre 1970-1980, enquanto, para o mesmo período, a taxa de crescimento da população urbana foi de 215%. A população da cidade alcançou, assim, o contingente de 67.047 habitantes (Oliveira; Costa, 2018).

Essas taxas impressionantes de crescimento perduraram nas décadas subsequentes. Entre

1980 e 1990, a população mais que dobra, sendo 144.249 habitantes nos anos 90, o que reflete um crescimento de 115% no período. Entre 1990 e 2010, a população local quase dobra seu número, totalizando 284.313 habitantes (Oliveira; Costa, 2018). Em 2022, eram 413.486 habitantes (IBGE, 2022), revelando que o crescimento populacional ainda é premente.

Na década de 90 se destacam dois processos que impeliram o crescimento urbano e populacional: 1) o sufocamento da atividade garimpeira, provocando, novamente, deslocamentos do interior do estado para Boa Vista, lembrando que o garimpo trouxera de forma espontânea milhares de pessoas para Roraima; 2) a transformação do Território em 1991 numa Unidade da Federação – o atual Estado de Roraima – contribuiu de forma expressiva para o incremento populacional na capital, uma vez que se fez urgente a necessidade de formação de instituições públicas no novo estado recém-criado, ocorrendo, ademais, uma importante demanda de mão de obra e, conseqüentemente, propiciando um novo e intenso movimento migratório para a cidade (Staevie, 2011). O segundo aspecto, diga-se, teve relevância muito maior quanto ao crescimento urbano e populacional.

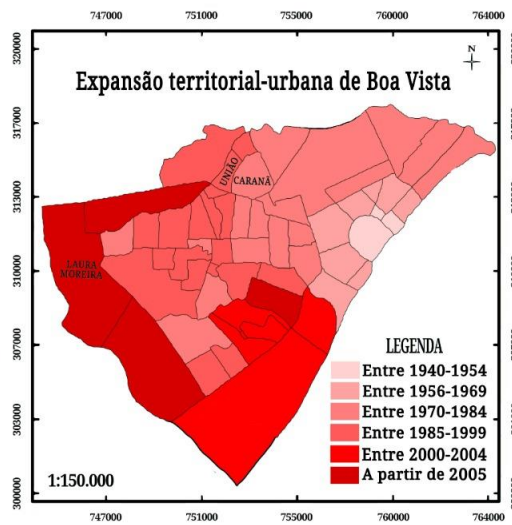
Esse crescimento se concentrou, importa destacar, na Zona Oeste, lócus de nosso estudo, área ambientalmente frágil (presença de lagoas e igarapés) e que seguiu uma ocupação desordenada, mormente, irregular (Veras, 2009). Compõe, hoje, sobretudo suas franjas urbanas, a periferia da cidade e apresenta inúmeros problemas sociais (moradia, renda etc.).

O crescimento vertiginoso de Boa Vista lhe configura importância local-regional¹, constituindo-se como uma cidade média no contexto espacial de urbanização da Amazônia e que apresentou, em relação às capitais estaduais, a maior taxa de crescimento urbano-populacional do país entre 2010-2022, período dos dois últimos censos demográficos. Contemporaneamente, a partir de 2016, pesou também para o crescimento populacional a crise migratória venezuelana (estima-se que, somente em Boa Vista, residam 32 mil venezuelanos [Brandão, 2019]; esse grupo populacional habita, sobretudo, a Zona Oeste).

A figura a seguir, além de situar os bairros em estudo, traz a evolução urbana da cidade sob o prisma temporal.

¹ O estudo do IBGE (2018) que balizou a classificação das hierarquias urbano-regionais a partir da análise das regiões de influência das cidades situa Boa Vista na categoria de Capital Regional (nível hierárquico abaixo das Metrôpoles, maior nível da cadeia, e acima dos Centros Sub-Regionais). No escopo da Capital Regional, qualitativamente diferenciada segundo sua centralidade e importância na estruturação da rede urbano-regional entre os níveis A, B, C (em ordem decrescente de importância), Boa Vista situa-se no nível mais baixo dentre as Capitais Regionais. 64 municípios se enquadram nesta categoria e, além de Boa Vista, há apenas mais duas capitais estaduais no nível C, ambas, igualmente, da região Norte, a saber, Rio Branco e Macapá.

Figura 3: Expansão urbana de Boa Vista



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Encerramos esta seção ao desnudarmos o contexto geral da evolução da ocupação urbana de Boa Vista. Como próximo passo, devemos apresentar, em linhas gerais, o crescimento territorial das denominações evangélicas.

4. OS ENVAGÉLICOS EM SUA EXPANSÃO PELO BRASIL

Se o título de nossa seção pauta o universo evangélico – mais amplo que o pentecostalismo, uma vez que engloba os segmentos afeitos ao protestantismo histórico ou, por ventura, aqueles dispostos em “outras religiões cristãs²”, questão que não podemos escapar em nossa análise das igrejas em Boa Vista –, frisamos o pentecostalismo porque foi, sobretudo, tal movimento que se alastrou no Brasil e em Roraima. O nosso foco é explicitar, portanto, as razões do crescimento pentecostal (e também evangélico) em solo brasileiro e amazônico.

As primeiras igrejas pentecostais aportaram no Brasil no início do século XX, a Congregação Cristã (1910), em São Paulo e no Paraná, e a Assembleia de Deus (AD) (1911), no Pará (Carmo, 2016) – ambas sob influência direta do pentecostalismo norte-americano

² No Censo de 1980 os fiéis da Igreja Adventista eram então enquadrados no campo de “Outras religiões”; já no Censo de 1990 passou a figurar na categoria “Evangélica Tradicional” junto com Anglicanos, Luteranos etc. (Mariano, 1999).

(Campos, 2005). Compõem aquilo que é designado como primeira³ onda do pentecostalismo, chamado, hodiernamente, de pentecostalismo clássico (Mariano, 1999).

É a partir dos anos de 1960/70 que os evangélicos passam a se impor com pleno vigor no cenário religioso brasileiro. São as razões deste alastramento que convém destrincharmos.

Segundo Mariano (2004), pode-se apontar como razões sociais à profusão evangélica: I) a urbanização nos anos 1960, II) o esteio das desigualdades nas grandes metrópoles também na referida década e III) a agudização da crise econômico-social dos anos 80 com crescimento do desemprego e da violência (traços sociais que muito se assemelham ao contexto do crescimento evangélico norte-americano no qual o pentecostalismo se consolidou no final do século XIX [Campos, 2005]). Sob o prisma de profunda transformação social e de marginalização e desigualdade, a religião emergia como um suporte à manutenção de regras rígidas, fundamentação dos laços interpessoais, ajuda mútua perante à carência socioeconômica, suporte às agruras de empregos maçantes e, ainda, ao impersonalismo típico das relações interpessoais nos centros urbanos ao fomentar o senso de comunidade (Mariano, 1999). Ademais, pelo seu apelo ao misticismo, prometia-se milagres e uma vida de plenitude para uma massa necessitada de bens materiais básicos à existência (Carvalho, 2024).

Nesta conjuntura, se pode afirmar, seguindo Farjado (2011), que as igrejas evangélicas fincaram suas bases, num primeiro momento expansivo (1960), sobretudo nas periferias urbanas do Sudeste e, possivelmente, pela forte presença histórica Luterana, cogita Campos (2008), também nas periferias da região Sul.

A partir de 1980 o movimento deixou de se configurar à margem do tecido urbano, ocupando também o centro e áreas privilegiadas das cidades (Farjoado, 2011) – e se, percentualmente, é a população de menor renda⁴ que compõe a maior parcela dos pentecostais (Mariano, 2004), assiste-se uma adesão recente dos estratos da classe média e alta brasileira por conta do dirimir da rejeição puritana do mundo (Mariano, 1999).

Também a partir da segunda metade do século XX assiste-se, expõem Senhoras, Santos e Cruz (2016), o esboço da interiorização do supracitado movimento religioso, perseguindo,

³ Seriam três as ondas pentecostais. A segunda (pentecostalismo) advém nos anos 1960 e a terceira (neopentecostalismo) em 1970. A prevalência das três ondas no tempo e espaço, hoje, torna problemática uma divisão estanque, pois abundam influências recíprocas (Moraes, 2010). Nesse sentido, utilizaremos a denominação genérica “pentecostal” para se referir ao movimento, sem discriminar, necessariamente, esta ou aquela onda com a qual as instituições religiosas aqui pesquisadas poderiam ser situadas.

⁴ 60% dos evangélicos ganhavam até 1 salário mínimo (IBGE, 2012).

neste compasso, o crescimento brasileiro em direção ao Centro-Oeste e ao Norte, crescimento este deflagrado, sobremaneira, com a expansão da fronteira agrícola e mineral – aliada às obras infraestruturais rodoviárias – em cidades nascentes e mesmo nas capitais estaduais construídas sob intensa migração e miscigenação (o caso de Boa Vista). Nas duas regiões, destaca-se, o crescimento das cidades médias se articula, doravante, com a presença evangélico-pentecostal.

Sopesou ainda, ao Norte e ao Centro-Oeste, o baixo adensamento populacional e, em correlato, a restrita presença da Igreja Católica, tornando-se ambas as regiões um terreno fértil à propagação pentecostal à luz das missões⁵ impulsionadas por tais denominações cristãs – são hoje as duas regiões brasileiras com maior percentual de evangélicos, 39% à região Norte e 33% à região Centro-Oeste, enquanto a média nacional é de 31% (G1, 2020).

Com esta exposição cumprimos o pressuposto de nosso método: incorporar a religião no bojo da estrutura social que lhe dá sustentação e lhe permite particular(es) afloramento(s). Situar um fenômeno particular (a religião) no bojo da totalidade (social) que se faz e se refaz foi a nossa empreitada.

Analisado o crivo das transformações sociais que acompanharam o espraiamento das igrejas pelo Brasil, podemos empreender ainda uma contextualização sociológica da fé do povo brasileiro. Pode-se arguir que a força do pentecostalismo passa também pelo esgotamento natural do catolicismo e pelo marcante misticismo de nossa religiosidade, aspecto relacionado tanto às religiões africanas no qual o pentecostalismo assentado na polarização Deus x Diabo se apoia demasiadamente (Carvalho, 2022), como ao catolicismo popular (Mariano, 1999).

O contexto social delineado nos parágrafos anteriores, contudo, não tem poder casuístico. São contextos e não agentes. Para compreender a expansão das denominações evangélicas se faz necessário analisar os modos de atuação destas igrejas, já vislumbrada, por exemplo, quando se comentou acerca das missões.

Ganha proeminência, nesse sentido, a alta centralização da cadeia de comando das grandes igrejas evangélicas que pode, via captação e centralização de vultosos recursos, planejar sua inserção territorial em novos flancos de atuação.

⁵ Deslocamento de pastores para atuar em igrejas ou em células (para esta última, “simples” fieis também são postos ao trabalho). A atuação em célula ocorre em áreas onde esta ou aquela instituição não possui bases estabelecidas ou em áreas de difícil acesso à determinado território – isso fez parte da presença pentecostal em Boa Vista (com o deslocamento de pastores do Nordeste e Manaus [dentre outros] para a capital roraimense) e, hoje, se esparrama com notória presença pelo interior do estado. Tem-se ainda a ação celular a partir de pequenos grupos que atuam, nas cidades, percorrendo-a, levando a palavra de Cristo aos não praticantes.

Deve-se mencionar ainda a ação dos fieis como catalizadores do movimento evangélico, ao que se destaca a atuação em células, diminuindo a importância da figura das lideranças formais, impulsionando sua expansão num sistema de contato direto, face a face, entre aquele que prega e os possíveis novos receptores da doutrina. De acordo com Xavier (2008, apud Senhoras; Santos; Cruz, 2016), esse modelo eclesial se tornou um dos maiores marcos do movimento evangélico na Amazônia Legal e não está ausente nas grandes denominações, onde seus membros também atuam compondo células de evangelização.

Ainda em referência ao modelo organizacional, destacam-se a rápida formação de novos pastores, o próprio processo de fragmentação-germinação das denominações e o suntuoso investimento em televangelismo. Poderíamos acrescentar a possibilidade de que a projeção política evangélica contemporânea também seja um catalisador de sua difusão territorial, uma vez que se instaura (ou se pode instaurar) uma simbiose entre o voto do eleitorado evangélico em lideranças eclesiais e a atuação parlamentar que vise impulsionar o poderio das igrejas.

Cumpridas as contextualizações requeridas acerca do universo evangélico e da estrutura urbana de Boa Vista, podemos passar aos resultados empíricos de nossa pesquisa.

5. A TERRITORIALIDADE DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NA ZONA OESTE DE BOA VISTA

Os três bairros em análise, tomando seu somatório, apresentam o contingente de 46 igrejas evangélicas; 20 no Caranã – bairro mais antigo (surgido entre 1989/1990) dos três recortes, 7 no União – bairro mais adensado (surgido em 1994) dentre os três (densidade demográfica de 4.939,96 hab/km², levemente superior a do Caranã, 4.293,28 hab/km²), e 19 no Laura Moreira – bairro recente (surge em 2005 e possui baixíssima densidade demográfica, 0,34 hab/km²). As tabelas a seguir listam a distribuição das igrejas por bairro, evidenciando a primazia absoluta do universo pentecostal dentre os evangélicos, seguidos pelos batistas⁶.

⁶ Preferimos separar a Igreja Batista do protestantismo histórico (ou, como o IBGE discrimina, Igrejas Evangélicas Tradicionais) por duas razões. A primeira é que, se postas juntas, se passaria a impressão de que as igrejas evangélicas tradicionais em seu conjunto experimentam alguma proeminência local, o que não é, evidentemente, o caso. A segunda razão diz respeito à possível vinculação dos batistas ao pentecostalismo (Carvalho, 2022).

Tabela 1: Ano de fundação das igrejas evangélicas no bairro do Caranã

Número de Igrejas	Classe temporal	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional
1	1986-1997	1986	AD – Caranã (SP)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
2	...	1994	Ad – Nova Jerusalém (RJ)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
3	...	1995	Adventista	Evangélicas Tradicionais / Adventista
4	1998-2016	1998	Igreja Batista Shekinah	Batista
5	...	1999	Igreja Batista Jardim de Deus	Batista
6	...	1999	AD (SP)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
7	...	2000	AD – Congregação Betel (Madureira-RJ)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
8	...	2004	Paz Church	Pentecostal
9	...	2004	Igreja Batista Bíblica	Batista
10	...	2004	Congregação Cristã no Brasil	Grande Denominação Pentecostal Nacional
11	...	2007	AD – Madureira (RJ)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
12	...	2009	Igreja Capela Carismática	Pentecostal
13	...	2009	Igreja Brasil Para Cristo	Pentecostal
14	...	2009	Igreja do Evangelho Quadrangular	Grande Denominação Pentecostal Nacional
15	...	2011	Igreja de Deus Pentecostal do Brasil	Batista/Pentecostal
16	...	2013	Igreja Missionária do Avivamento Mundial	Pentecostal
17	...	2014	Igreja Batista Videira Viva	Pentecostal
18	...	2016	AD (SP)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
19	A partir de 2020	2020	Ministério da Mudança Mundial	Pentecostal
20		2023	Comunidade Reinar	Pentecostal
21	Sem informação		AD – União	

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Tabela 2: Ano de fundação das igrejas evangélicas no bairro do União

Número de Igrejas	Classe temporal	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional
1	1999-2004	1998	Adventista	Evangélicas Tradicionais / Adventista
2		1999	AD (SP)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
3	...	2000	Igreja Quadrangular União	Grande Denominação Pentecostal Nacional
4	...	2001	Igreja Quadrangular União	Grande Denominação Pentecostal Nacional
5	2006-2016	2006	Igreja Batista Regular da Graça	Batista
6	...	2016	Ministério Internacional Bom Pastor	Grande Denominação Pentecostal Nacional
7	2022	2022	Igreja Help	Pentecostal

Fonte: Elaboração dos autores

Tabela 3: Ano de fundação das igrejas evangélicas no bairro Laura Moreira

Número de Igrejas	Classe temporal	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional
1	2004-2009	2004	Evangelho Quadrangular Conj. Cidadão	Grande Denominação Pentecostal Nacional
2	...	2008	AD (SP)	Grande Denominação Pentecostal Nacional
3	...	2009	Adventista	Evangélicas tradicionais / Adventista
4	...	2009	Igreja das Nações - Argentina	Pentecostal
5	2015-2019	2015	AD Missionária de última hora	Pentecostal
6	...	2019	Igreja Evangélica Redimida de Deus	Pentecostal

7	2020-2021	2020	Ministério Voz da Verdade – Brasil	Pentecostal
8	...	2020	Casa de restauração	Pentecostal
9	...	2021	AD Maranata	Pentecostal
10	...	2021	Assemblies of God Church	Pentecostal
11-19	Sem informação			

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

À primeira vista, o quantitativo de igrejas não parece estupefaciente. Se se coloca diante da pesquisa de Rivera e Farjado (2022) acerca do bairro do Perus em São Paulo, parece que a profusão evangélica anunciada para Boa Vista é, então, exagerada – Perus apresenta um total de 176 igrejas evangélicas, sendo 164 pentecostais e 12 de protestantes históricos.

A escolha da comparação com Perus se dá pelo bairro periférico ser uma das áreas de maior concentração evangélica da cidade de São Paulo (RIVERA; FARJADO, 2022). Estamos comparando nosso recorte, então, com uma espécie “área ápice” de incidência evangélica.

E se dissecamos a análise dos dados nesse comparativo, atestamos o fato: há, sim, uma explosão evangélico-pentecostal em Boa Vista, notadamente na Zona Oeste.

Tabela 1: Número de Igrejas, área e população: comparando bairros

Bairro	Igrejas	População	Extensão territorial	Nº de Igr. por habitante	Densidade Eclesial
Purus	176	70.000	20,9 km ²	398	7,4 Igrejas / km ²
Caranã	20	11.380	2,65 km ²	542	7,9 Igrejas / Km ²
Laura M.	19	4.983	14,3 km ²	262	1,33 Igrejas / Km ²
União	9	5.521	1,12 km ²	787	6 Igrejas / Km ²

Fonte: Elaboração autoral. Dados oriundos da Pesquisa de Campo, de Rivera e Farjado (2022) e CityFacts (2024).

Como a tabela acima evidencia, estamos diante de uma massiva expansão evangélico-pentecostal. À exceção de Laura Moreira, os bairros analisados apresentam aquilo que denominamos de “Densidade Eclesial” superior (Caranã) ou próxima (União) ao Perus – e se Laura apresenta o ínfimo valor de 1,33 igrejas por quilômetro quadrado, isso se deve porque o

mesmo é um bairro recente, de grande extensão territorial (quase sete vezes maior que o Caranã) e não densamente ocupado. Por densidade eclesial, em alusão à densidade demográfica, definimo-la como a quantidade de igrejas segundo a extensão territorial de cada área.

E se o crivo passa a ser, então, a população residente, nota-se como o próprio Laura Moreira se afigura como ponta de lança da expansão evangélica. Enquanto no Purus são necessários 398 habitantes para uma igreja, ao Laura se requer apenas 262 habitantes – 35% a menos de moradores por igreja em funcionamento. Neste mesmo quadro comparativo, Caranã não dista, sobremaneira, do Purus; o dado, de maneira inversa, se repete – 35% a mais de moradores por igreja em atuação para nosso recorte em análise (398 x 542 habitantes).

A tabela atesta o quadro geral da expansão pentecostal na cidade. As considerações empreendidas no parágrafo anterior desvelam dois elementos: 1) proporcionalmente, se verifica o propalar das igrejas nas franjas urbanas da cidade e 2) há um menor quantitativo de igreja no bairro União. Teremos de deslindar as possíveis razões para ambos os casos.

Quanto ao primeiro caso, o relativo número superior de igrejas no Laura Moreira contra o Caranã (comparando população x número de templos), deve-se considerar: como aquele é um bairro novo, notabiliza-se a presença de muitos terrenos não-ocupados, facilitando a lógica expansionista das igrejas. Sopesa ainda o preço da terra mais acessível, outro elemento que facilita a expansão dos templos.

A extrema carência social do Laura Moreira pode ser também citada como elemento de explicação à profusão evangélica. Como já apontado, há uma correlação entre pobreza e prevalência da fé evangélica e isto, por sua vez, se explica pelo eco do crivo mágico-mítico que a fé pentecostal amálgama (Carvalho, 2024): “Tudo o que pedires em oração, crendo, o receberéis” (MT. 21:22). Aos suplícios da vida, as igrejas e os fiéis apelam ao sobrenatural.

Quanto ao segundo ponto, a pequena quantidade de igrejas presentes no União, bairro que apresenta índices socioeconômicos próximos ao Laura Moreira, deve-se considerar: *objetivamente*, o recorte em análise tem a menor extensão territorial (menos da metade do Caranã, bairro com o qual faz fronteira); *contextualmente*, tem-se a seguinte hipótese: I) o União (1994) deriva do crescimento do próprio Caranã (1990) e, assim, quando de sua consolidação, importantes igrejas já se instalavam no bairro primogênito, boicotando, do ponto de vista locacional da oferta-demanda, o surgimento de novos empreendimentos religiosos – tal hipótese, aliás, é referendada quando se nota que as vias de acesso principais ao União perpassam o

Caranã e que a própria oferta de bens e serviços (escolas, saúde, comércio) utilizado pelos moradores do União se localizam no Caranã. Com as igrejas poderia ser muito diferente?

Para auxiliar na compreensão desta hipótese, podemos fazer alusão à Christaller (apenas uma alusão, haja vista que o autor enfoca a escala urbano-regional enquanto nossa preocupação é atinente à escala intra-urbana). A hierarquia regional na estruturação da rede urbana promove uma diferenciação quanto ao que os centros podem auferir em termos de bens e serviços, de modo que o surgimento de uma nova centralidade onde preexiste uma terceira e que domina a rede de influência é uma tarefa natimorta – à título de exemplo, cidades médias e grandes no Mato Grosso do Sul só puderam se constituir quando livres do alcance espacial de cidades paulistas (IBGE, 2018).

Acreditamos que processo similar decorre entre os bairros Caranã e União. Justamente uma centralidade previamente constituída (Caranã) e que concentra a oferta de bens e serviços – inclusive, os religiosos – faz com que a presença de estabelecimentos de ensino, saúde e das próprias denominações evangélicas seja consideravelmente menor no bairro contíguo. Reitera-se, pois, a conclusão: o União apresenta poucas igrejas pelo fato da oferta estar, sobremaneira, concentrada no Caranã.

Findada essas análises, nos resta debater, por fim, as estratégias territoriais dos evangélicos. Já desnudamos, na exposição do movimento evangélico-pentecostal, suas estratégias políticas, comunicacionais, organizacionais e econômicas, mormente entremeadas. Nos resta explicitar sua dimensão territorial (para além das missões, já comentadas).

Começemos pelo fato em sua empiria: foram, à exceção da Adventista, as maiores igrejas do campo pentecostal brasileiro – Assembleia de Deus⁷ (Ministério de São Paulo, Ministério Madureira [RJ] e Ministério Jerusalém [RJ]) e a Igreja Quadrangular (SP) – que, nos três recortes espaciais trabalhados, se impuseram à paisagem antes mesmo do bairro, em termos fáticos, principiar. Em conversas com pastores e fieis, um relato comum se esboçava: “a igreja chegou aqui quando tudo isso ainda era lavrado [denominação popular local para a designação do bioma Cerrado]”, iniciando a pregação em pequenos galpões, salas e, posteriormente, edificando o templo.

⁷ A AD apresenta clivagens internas e, na prática, funcionam como denominações distintas (em suas estruturas econômicas, políticas, eclesiais e territoriais). Diversas igrejas novas se valem do capital simbólico da Assembleia de Deus e tomam, de empréstimo, seu nome – sem, com isso, apresentar uma filiação político-teológica-organizacional às grandes correntes nacionais da AD.

As falas acima discriminadas ilustram justamente o processo pelo qual as denominações evangélicas antecedem a própria urbanização e não se trata, de forma alguma, de um acaso serem as grandes igrejas – e somente elas – que se afiguram como precursoras do “urbano”. Aqui se faz notar a relação entre urbanização e a territorialização destas denominações.

Detentoras de grande capital econômico e dotada de profícua estrutura organizacional, são capazes de vislumbrar os eixos de crescimento da cidade e se antecipar – adquirindo o terreno, levantando o templo, deslocando pastores de outros estados e regiões – à própria urbanização.

Desta forma, se cumpre o intento teológico – “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc. 16:15) no qual o templo representa a espacialização do discurso religioso (Silva; Gil Filho, 2009) – e assegura-se à denominação uma proeminência na paisagem dos bairros. Sob o contexto de intensa disputa por membros no campo religioso, seja entre distintas religiões ou no subcampo evangélico, a territorialização prévia à constituição do bairro garante a atração de fieis – para aonde iriam, tendencialmente, as novas e novas de novos moradores senão para as igrejas *já presentes* nos seus bairros?

Aqui se faz notar como a dimensão territorial do movimento evangélico e de suas denominações é contumaz em sua lógica reprodutiva (manutenção institucional) e expansionista (o propalar da instituição por novos flancos).

O título de nosso trabalho evoca a *territorialização* das igrejas evangélicas, é hora de estabelecermos o entendimento acerca do termo e de seus correlatos (território e territorialidade).

Por territorialização, entendemos os processos (acabamos de visualizar um processo com as grandes denominações, veremos outro com as pequenas) pelos quais as igrejas evangélicas, em atuação com determinadas estratégias políticas, sociais, organizacionais e também territoriais, se espacializam pela cidade, criando, assim, territórios seus. As estratégias supracitadas podem ser entendidas como componentes da territorialidade, ou seja, como os mecanismos/ações que garantem ao grupo social a edificação e/ou o senhorio de seu território (Rosendahl, 2005).

Definido o movimento de territorialização e o mecanismo de onde ele se gesta (territorialidade), nos cabe definir o próprio território. Entendemo-lo a partir das concepções de Souza (1995) e Haesbaert (2012), tomando o território como as porções do espaço que são

apropriadas (num sentido mais existencial) e/ou dominadas (num sentido mais funcional) por determinado sujeito/grupo, transformando o espaço, pois e devidamente, em território.

Substancial à conformação do território estão as relações de poder – pensadas como a possibilidade, pelo consenso ou persuasão, de deliberação/imposição de determinadas perspectivas e ações – estabelecidas pelo grupo junto ao seu território. Em relação dialética, o poder é crucial à estruturação do território (é o que lhe garante a perenidade) e, além, o território é elemento catapultador do próprio poder.

Foi, como vimos, o poder altamente concentrado nas lideranças religiosas das grandes denominações, diretamente por conta de sua estrutura organizacional e econômica, que permitiu sua territorialização anterior ao processo de urbanização. O poder político-eclesial espraia, pois, territórios religiosos nas antigas e novas franjas urbanas de Boa Vista. Nos resta evidenciar, em verdade, reiterar, como o território é fulcral ao próprio poder das igrejas.

A lógica é, inclusive, simples: maior número de templos, entendido como o território por excelência das denominações, implica, via de regra, em maior número de fiéis. E, se sem concorrência, ainda mais insidioso se torna o arrebanhamento de novos membros, justamente o que a antecipação anunciada lhe garante. Os fiéis, por sua vez, retroalimentam o lastro financeiro da instituição com os dízimos e ofertas, bem como seu capital político, afora serem, os membros, elemento essencial na atração de novos adeptos. O círculo se fecha: instituições que, erigindo e solidificando seus territórios, os veem germinar em novas áreas – podemos citar, à título de exemplo, o caso da Igreja das Nações e o da *Assemblies of God Church*, ambas denominações locais/regionais. Com o crescimento do número de adeptos a partir da consolidação do primeiro território (o primeiro templo onde nasceu a Igreja), outros foram gestados: a Igreja das Nações já apresenta cinco ministérios, enquanto a *Assemblies*, surgida em Goiás, transladada para Boa Vista sem sucesso imediato, viu seu florescimento em New Jersey (de onde deriva o nome atual da Igreja também no Brasil); esta Igreja hoje conta com 200 membros na referida cidade e prepara sua ampliação, tanto nos Estados Unidos, como em Boa Vista (funcionando, hoje, nas dependências de uma casa na referida cidade).

A referência a estes exemplos é oportuna porque traz à baila, agora, a atuação das pequenas ou médias denominações. A importância do movimento evangélico não remonta tão somente às grandes denominações e sua difusão/expansão territorial atrela-se, sobremaneira, a atuação das denominações locais/regionais.

Se se encontra uma prominência das grandes denominações nos momentos prévios ou formativos dos bairros, o inverso se dá quando analisamos os recortes temporais que situam os bairros (a) no momento em que já estão consolidados e (b) em relação aos últimos anos. Nessas duas últimas categorias, a primazia das grandes denominações se eclipsa, cedendo vez, com maior vigor, às pequenas denominações pentecostais e, em menor medida (embora com relativo destaque), às igrejas batistas.

Nos três bairros, contando os últimos anos (2020-2023), todas as sete igrejas que surgiram são pentecostais, igrejas locais/regionais – duas no Caranã, uma no União e quatro no Laura Moreira. Não há presença de qualquer grande denominação.

Tomando agora em análise as igrejas que surgiram no período de maturidade⁸ do bairro, temos os seguintes números: no Caranã, totalizando 15 igrejas, 7 são pentecostais pequenas ou médias, 6 são pertencentes às grandes denominações (Congregação Cristã no Brasil, Evangelho Quadrangular, AD Madureira e AD de SP, este com duas igrejas) e outras 4 são batistas (o somatório da discriminação perfaz 17 igrejas porque a Igreja de Deus Pentecostal do Brasil declarou dupla filiação, batista e pentecostal... Foi contada, portanto, duas vezes); no União temos uma igreja pentecostal pequena/média e uma igreja batista; no Laura Moreira, temos duas igrejas, ambas na categoria de igrejas pentecostais pequenas ou médias.

Nos resta explicar a razão de ser, os significados e as tendências vislumbradas a partir de tais números. Afinal, porque há um estancamento do surgimento das grandes denominações? E porque há um voraz crescimento das pequenas ou médias?

Conforme assinalado na análise do movimento pentecostal, a capilaridade territorial das instituições religiosas não advém, tão-somente, das grandes denominações, mas também das demais instituições por um simples fato: a facilidade com a qual se podem inaugurar novas igrejas, seja do ponto de vista institucional (criar uma denominação sem a burocracia de ter uma matriz para se prestar contas), seja do ponto de vista da formação teológica (frequentemente dispensada para atuar como pastor). Qualquer casa pode se tornar um templo e abrigar, então, uma nova congregação. E esse movimento é mais agudo no Laura Moreira

⁸ Certamente não é um termo adequado para se referir ao Laura Moreira, visto que sua formação se propala ainda hoje e não está próxima do fim, senão em seu início. Estamos aqui diante da dificuldade de comparar recortes espaciais com temporalidades distintas. Foi também o fato de trabalhar com tais distintas temporalidades que a escala temporal criada para referendar os períodos de cada bairro foram diferenciadas.

por conta dos elementos analisados quanto ao seu contexto de expansão urbana (crescimento populacional, terras não-ocupadas e o preço da terra).

Mas o que explica o não-crescimento das grandes denominações, sobretudo nos últimos 5 anos? Não se pode apontar uma queda do percentual de evangélicos, haja vista que tal número, em Roraima e na capital, apenas cresce. O que, então, explica tal fenômeno?

Primeiro, uma questão objetiva: o número das grandes denominações pentecostais é limitado⁹, enquanto, virtualmente, se estende ad infinitum as pequenas denominações. Segundo, a mesma estrutura organizacional que permite às grandes denominações seu nascimento conjuntamente com o principiar do bairro, trava esse movimento autônomo de profusão corriqueira (não basta a bel vontade do pastor criar um novo templo, a não ser que ele saia de sua congregação e funde uma nova igreja – algo, aliás, comum no universo pentecostal) e, do ponto de vista da gestão territorial, faz pouco sentido uma mesma instituição religiosa abrigar muitos templos numa mesma área.

Enquanto as duas dimensões anteriores respondem à lógica e/ou análise teórica e histórica do universo evangélico, o terceiro e o último ponto se insinua enquanto hipótese: a consolidação prévia das grandes denominações pode embaraçar possíveis projetos de outras importantes instituições religiosas. As igrejas como Evangelho Quadrangular e, sobretudo, AD, parecem plenamente integradas à cultura da cidade.

Talvez isso explique a razão do não-surgimento nos bairros analisados de outras grandes denominações em anos recentes, destacando que são as igrejas discriminadas no parágrafo acima, juntamente com a Adventista, aquelas que surgiram no período do bairro já consolidado (desconsiderando-se, nesse enquadre temporal, os anos recentes e o início do bairro). Sob tal rugosidade eclesial, é factível uma profícua inserção de novas e grandes denominações? Talvez seja isso o que explique, ademais, a ausência massiva de igrejas como Deus é Amor e a IURD em Boa Vista, como pode ser encontrada em outras cidades brasileiras. Se tratam de duas das maiores igrejas evangélicas do Brasil e, em Boa Vista, não são proeminentes.

Quanto à importante presença dos batistas no período do bairro já consolidado, isso decorre do fato de que, em que pese convenções nacionais, não há uma centralização de comando na regência das igrejas batistas. Similarmente ao que ocorre às igrejas pentecostais, há tal fluidez à criação de novas igrejas que seguem os princípios da referida congregação.

⁹ Consideramos nesta categoria as seguintes igrejas encontradas nos recortes trabalhados: Deus é Amor, AD (Ministério de São Paulo e Ministério de Madureira), IURD, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Mundial.

Temos, assim, dois movimentos complementares que fundamentam a profícua territorialização do universo evangélico-pentecostal (com destaque ao último polo do binômio) em Boa Vista. Um movimento que podemos qualificar como de conquista, a partir da atuação das grandes denominações (pentecostais e da Adventista), quando as igrejas “fundam” o bairro. O outro que pulveriza e espraia um sem-número territórios religiosos nos bairros, dinâmica levada à cabo, principalmente, pelas igrejas pentecostais e, em menor medida, pelos batistas (lembrando que, nos últimos quatro anos, apenas no Caranã se fizeram presentes igrejas batistas; aos demais bairros, esteve ausente).

Com estratégias territoriais particulares segundo os grupos que encetam estes dois movimentos, assiste-se à perenização da territorialização evangélica-pentecostal na capital roraimense.

6. CONCLUSÃO

Discutimos a expansão das igrejas evangélicas na Zona Oeste de Boa Vista a partir de um estudo de caso com três bairros, União, Caranã e Laura Moreira, os dois primeiros surgidos na década de 90 e o último em 2005.

Evidenciamos como o próprio crescimento da cidade é salutar às lógicas territoriais e, mais amplamente, às lógicas eclesiais das instituições religiosas. As grandes denominações conseguem, inclusive, se antecipar a própria urbanização, enquanto as pequenas igrejas, via atuação “avulsa” de seus pastores, se propagam quando o bairro começa se solidificar.

Às problematizações empreendidas, tivemos que trafegar pelo movimento evangélico, situando sua evolução e clivagens, atestando a prevalência do pentecostalismo e da Igreja Adventista em Boa Vista.

Uma série de questões não pôde ser por nós desbravada, merecendo análise pormenorizada em ulteriores estudos. Destacamos dois pontos: as preambulações de endereço das igrejas (sobretudo pequenas, mas também as grandes, o caso, por exemplo, da Igreja Mundial) na cidade e suas articulações locais, regionais, nacionais e internacionais.

Estas e outras problemáticas deverão ser perseguidas nos próximos trabalhos, finalizando o levantamento de dados no Laura Moreira (onde só pudemos verificar metade das igrejas presentes no bairro) e estendendo também a análise para outros bairros da Zona Oeste e, futuramente, para outras áreas de Boa Vista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (A) **Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRANDÃO, Inaê. **Crise migratória venezuelana no Brasil**: O trabalho do UNICEF para Garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes. UNICEF, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 03/08/2024.
- CAMPOS, Leonildo. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 100-115, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p100-115>. Acesso em: 18/05/2024.
- CAMPOS, Leonildo. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. **REVER**, São Paulo, v. 4, p. 9-47, 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.pdf. Acesso em: 19/07/2024.
- CARVALHO, Caê. **A dimensão espacial da experiência religiosa**: práticas e representações entre candomblecistas. Salvador: EDUFBA, 2022.
- CARVALHO, Caê. A Geografia Profético-Mítica: a dramaticidade da geograficidade (neo)pentecostal. **Boletim Campineiro De Geografia**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 231–251, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.54446/bcg.v13i2.2980>. Acesso em: 03/08/2024.
- FARJADO, Maxwell. Pentecostalismo, urbanização e periferia: perspectivas teóricas. **Paralellus** – Revista Eletrônica em Ciências da Religião, Recife, n. 2, v. 4, 2011, p. 181-192. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236215126.pdf>. Acesso em: 18/07/2024.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Coritiba: Ibpx, 1995
- FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado, Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- FGV – Fundação Getúlio Vargas. **Economia das religiões**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2007. G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1 – Política**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 19/07/2024.
- HAESBAERT, Rogério. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: SERPA, Angelo; BARTHE-DELOIZY, Francine (org.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA e Edições L’Harmattan, 2012, p. 27-46.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. **Censo demográfico**, Rio de Janeiro, p.1-215, 2010.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades, 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**: Panorama. População residente. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&recorte=N3>. Acesso em: 18/07/2024.
- JACOB, Cesar; HEES, Dora; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, V. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- LEFEBVRE, Henry. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

- MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 89-114, 1999. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIO/Artigos4/futuro_nao_protestante.pdf. Acesso em: 18/07/2024.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, n°18, v. 52, p.121-138, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028>. Acesso em: 28/07/2024.
- MENDONÇA, Antonio. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028>. Acesso em: 18/05/2024.
- MORAES, Gerson. Neopentecostalismo: um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **REVER**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-19, 2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf. Acesso em: 18/05/2024.
- OLIVEIRA, Janine; COSTA, Maria. Expansão urbana de Boa Vista (RR) e os reflexos sobre a desigualdade socioespacial. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5528/552857186007/html/>. Acesso em: 18/07/2024.
- RIVERA, Dario; FARJADO, Maxwell. Pluralismo pentecostal na periferia de São Paulo. Estudo do bairro de Perus. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 375-396, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rcs.v45n1.90237>. Acesso em: 22/07/2024.
- ROSENDAHL, Zenny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>. Acesso em: 03/08/2024.
- SOUZA, Marcelo. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 76-117.
- PEREIRA, Eliseu. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélicopolítica do bolsonarismo. **Projeto História**, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p147-173>. Acesso em: 18/05/2024.
- SENHORAS, Elói; SANTOS, Alexandre; CRUZ, Ariane. **Protestantismo brasileiro e sua expansão na Amazônia Legal**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.
- SILVA, Alex; GIL FILHO, Sylvio. Geografia da religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer: um estudo da igreja internacional da graça de Deus no Brasil. **REVER**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 73-91, 2009. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/t_silva.pdf. Acesso em: 03/08/2024.
- STAEVIE, Pedro. Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima. **Oculum Ensaios**, Campinas, v. 13, p. 68-87, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v0n13a142>. Acesso em: 28/07/2024.
- VERAS, Antônio. **A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. 2009. Tese (Programa de Pós-graduação em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.